

Aspidosperma parvifolium A. DC.

(guatambu, peroba rosa)

Família: Apocynaceae

Sinônimos: *Aspidosperma tambopatense*, *Aspidosperma vargasii*, *Thyroma parvifolia*

Endêmica: não²

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado (Cerrado), Mata Atlântica²

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O guatambu é uma árvore de grande porte, com até 30 metros de altura, que possui tronco reto, de casca grossa, fissurada e cor cinzento-clara. Suas folhas são prateadas na face inferior e suas flores verde-amareladas. É uma espécie indicada para enriquecimento de florestas degradadas.

Etnobotânica e Histórico

Sua madeira é muito utilizada na construção civil, naval e em marcenaria, especialmente para obras expostas. Na região de Nazaré Paulista o guatambu era tradicionalmente utilizado para cabeamento de ferramentas agrícolas, como afirma um morador local: "Todas as madeira para cabo de ferramenta é guatambu, não afrouxa o cabo". Era utilizada também para fabricar socador de pilão, construção de monjolo e até brinquedos das crianças, como carrinhos de rolimã.

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, cruzetas, dormentes, esteios, mourões, peças torneadas, construção civil, caibros, ripas, tacos, vigas), produtos não madeireiros (ornamental)^{1,4}

Características gerais

Porte: altura 5.0-30.0m DAP 40-100cm^{3,4,1}

Cor da floração: verde¹

Flores verde-amareladas.

Velocidade de desenvolvimento: Rápida⁴

O desenvolvimento das plantas no campo é rápido. As plantas podem atingir 3.5 a 4 m em 2 anos.

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{4,1}

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto¹

Superfície do tronco: Fissurada¹

Tipo de fruto: Seco deiscente (Folículo)^{3,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia, Clímax^{6,7,8,9}

Polinizadores: -

Período de floração: maio³

Tipo de dispersão: Anemocórica⁴

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: julho a novembro^{4,1}

Frutos de julho a agosto (LORENZI, 2002); julho a agosto; outubro a novembro (BACKES; IRGANG, 2004).

Associação simbiótica com raízes: sim¹⁰

Alta incidência de micorriza arbuscular (MA) em casa de vegetação e baixa ocorrência de MA em viveiro.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{4,1}

Coletar os frutos quando abrirem espontaneamente (LORENZI, 2002). Em seguida levá-los ao sol para completarem a abertura e liberação das sementes (LORENZI, 2002; BACKES; IRGANG, 2004).

Tipo de semente: Ortodoxa⁵

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento^{4,1}

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{4,1}

Colocar as sementes para germinar logo que colhidas em canteiros ou recipientes individuais (LORENZI, 2002). Semear em canteiros (BACKES; IRGANG, 2004).

Tempo de germinação: 15 a 35 dias^{4,1}

Taxa de germinação: 60%⁴

Número de sementes por peso: 5000/kg⁴

Exigência em luminosidade: Exigente em luz⁴

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² KOCH, I.; RAPINI, A.; KINOSHITA, L. S.; SIMÕES, A. O.; SPINA, A. P. Apocynaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

³ MARCONDES-FERREIRA, W. Aspidosperma. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2005. v. 4, p. 39-47.

⁴ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁵ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).

⁶ HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.

⁷ LEITE, E. C; RODRIGUES, R. R. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de floresta estacional do sudeste do Brasil. Revista Árvore, Viçosa, v. 32, n. 3, p. 583-595, 2008.

⁸ VACCARO, S.; LONGHI, S. J.; BRENA, D. A. Aspectos da composição florística e categorias sucessionais do estrato arbóreo de três subseres de uma floresta estacional decidual, no Município de Santa Tereza - RS. Ciência Florestal, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 1-18, 1999.

⁹ WERNECK, M. de S.; FRANCESCHINELLI, E. V.; TAMEIRÃO NETO, E. Mudanças na florística e estrutura de uma floresta decídua durante um período de quatro anos (1994-1998), na região do Triângulo Mineiro, MG. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 401-413, dez. 2000.

¹⁰ CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. *Cerne*, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.